

EDIÇÃO ESPECIAL

CUL  
TU  
RA

ISABEL FERNANDES  
DEIXA O PAÇO DUCAL  
25 ANOS DEPOIS

© GAI

© GAI



## 04

### **Xize o contador de histórias coloridas**

Dá cor, luz, movimento a paredes inócuas que entristecem os viadutos nas cidades, Xize trouxe-lhes vida, quebrou o seu cinzentismo e afirmou uma arte urbana em murais que se espalha na periferia da cidade.

## 08

### **Folclore afirma cultura tradicional e faz renascer a etnografia**

Henrique Macedo segue na liderança do Grupo Folclórico da Corredoura emprestando-lhe uma nova dinâmica, casando o folclore com a dança.

## 12

### **Linha da Corredoura aposta no turismo**

O ciclo do linho dá-lhe evidência enquanto actividade cultural mas o desafio é colocá-lo como produto turístico.

© GAI



**JUNTE-SE TAMBÉM A NÓS EM:**

**TWITTER.COM/GUIMARAESAGORA**  
**INSTAGRAM.COM/GUIMARAESAGORA**  
**FACEBOOK.COM/GUIMARAESAGORA**





14

## Confraria gastronómica em afirmação

Para além da defesa dos produtos endógenos e da sua utilização nos pratos mais saborosos do nosso cardápio, a Terras de Vimaranes tem outros desafios.

16

## Quase um quarto de século no Paço

Nunca assumiu o estatudo de "Rainha" e muito menos de "Duquesa" mas é a senhora que cuida bem do Monte Latito onde melhor se expressa a portugalidade.



20

## O médico escritor

Lançou mais um livro ao jeito de um acontecimento social e cultural. Com admiradores evidentes, de estratos diversos da sociedade, Carlos Salgado Guimarães segue em frente na sua condição de autor.

# NELSON XIZE: "A MINHA MISSÃO É ALEGRAR ATRAVÉS DA COR"

- NASCIDO E CRIADO EM GUIMARÃES, NELSON XIZE (NOME ARTÍSTICO) É O AUTOR DO RECENTEMENTE INAUGURADO MURAL SOBRE A BATALHA DE SÃO MAMEDE, EM CREIXOMIL. NO SEU REPORTÓRIO CONTA COM DIVERSOS TRABALHOS DE ARTE URBANA, MAS A VEIA ARTÍSTICA NÃO PÁRA POR AÍ. NELSON É ARTISTA PLÁSTICO, TENDO JÁ EXPOSTO EM GALERIAS, E ATOR DE TEATRO, SENDO MEMBRO FUNDADOR DOS PROJETOS DE ANIMAÇÃO TEATRAL/MUSICAL - "TRUPE SEI" E TEATRO INFANTIL - "FUNNYTOCHES". LICENCIADO EM ARTES E DESENHO, PELA ESCOLA SUPERIOR ARTÍSTICA DO PORTO-GUIMARÃES (ESAP/G), É A DAR COR ÀS RUAS QUE SE SENTE BEM.
- EM ENTREVISTA AO **GUIMARÃES, AGORA!**, XIZE CONTOU UM POUCO DO *BEHIND THE SCENES* DO MURAL DE CREIXOMIL, A SUA PERSPECTIVA ENQUANTO ARTISTA VERSÁTIL E AQUILO QUE O MOVE.

## Como surgiu a iniciativa de criar um mural?

No momento em que estava a fazer o Mural das Vespas, fui contactado pelo presidente da Junta de Creixomil que gostou muito do trabalho e, a partir daí, começou-se a pensar em fazer o Mural neste viaduto que carecia de vida. Tendo em conta que era um viaduto aqui na rua dos Cutileiros, um viaduto muito sombrio, decidimos ter uma conversa e falar no hipotético tema a abordar no mural e depois, basicamente, marcamos uma reunião, falámos sobre a temática a abordar mais concretamente e o passo seguinte foi maturar a ideia, fazer maquete, aprovar o projeto e concretizar o projeto.

## Em que é que se inspirou para a criação da obra?

É o contar da história, a génese, o início do nosso Condado, hoje em dia, do nosso país, ou seja, os limites independentes da Galiza. Como a mãe de D. Afonso Henriques andava com o Fernão Peres de Trava, galego, a ideia era ficar com o nosso Condado para a Galiza e, então, D. Afonso Henriques, que não estava muito de acordo, decidiu enfrentar a mãe. Isso foi um

dos principais motes para essa independência, ou seja, o que eu abordo é a vitória e depois a lenda à volta da Nossa Senhora da Luz. Há uma lenda que diz que D. Afonso Henriques precisava de um bocado de luz para poder vencer o inimigo e evocou a Nossa Senhora da Luz e foi-lhe concedido o pedido. Então, o mural aborda, basicamente, ganhar a batalha e daí uma ovação à Nossa Senhora da Luz. E depois também tem, no século XIX, os labores que antigamente se faziam, desde a lavadeira do rio, a leiteira,

**"Eu não uso sprays, é tudo à base de rolo, trincha e pincel, ou seja, tudo que vocês vêem em linha é tudo feito a pincel, é muito exigente mas dá uma plasticidade diferente."**

as vindimas, os cutileiros, principalmente, foi muito forte a indústria



cutileira aqui. Depois, também faço essa ponte da antiga indústria e refiro o Laboratório da Paisagem, que é a modernidade, ou seja, a preocupação com o futuro, um pensamento mais verde. Portanto, basicamente fazendo um pequeno resumo, foi o início da história de Creixomil e de Guimarães.

### Como definiria este estilo de arte urbana?

Temos muitos estilos e, como eu costumo dizer nas entrevistas, eu não me classifico especificamente como meramente só um artista de arte urbana. Só há cerca de meia dúzia de anos é que tenho feito mais projetos neste âmbito e tem sido muito prazeroso porque já andei em formato de galeria, artista de galeria, não é com o que mais me identifico, tendo em conta que é um núcleo muito fechado, muito elitista, e então decidi trazer um bocado a minha arte mais para a rua e acho que tenho um *feedback* muito mais positivo. O definir o estilo, é um bocado o estilo cómico, *cartoon*, onde estilizo um bocado as formas, as cores são muito específicas, é uma espécie de influenciar o infantil com o maturado, não é? Maturado, ou seja, com mais cor, pensado, é o jogar com o *cartoon* mas depois maturar para formas fortes, com contornos pretos. Eu não uso *sprays*, é tudo à base de rolo, trincha e pincel, ou seja, tudo que vocês vêem em linha é tudo feito a pincel, é muito exigente mas dá uma plasticidade diferente do *spray*, não menos importante, mas dá uma plasticidade interessante.

### O que é que este mural traz à cidade?

Traz muito. Os vimaranenses realmente têm muito orgulho de sermos o berço da nação mas há muita sub-história da qual não estão a par, isto nomeadamente nas freguesias que definem a cidade, não estão muito a par das curiosidades e o que é que eu acho que este mural traz? Traz mesmo essa ideia de que nós vencemos a batalha de São Mamede, nós tornamo-nos independentes, foi aqui que as nossas fronteiras começaram

realmente a ser delimitadas e foi aqui que realmente nos vinculámos como Portucalense, na altura, o Condado Portucalense. E acho que é isso, traz a história, traz os inícios, os primórdios



da história de Guimarães, Portugal, e acho que para os vimaranenses e para os visitantes entenderem isso, as lides que antigamente havia em Guimarães, os trabalhos, o trabalho do campo, a agricultura, o milho, tudo mais, acho que é importante, essencialmente, para os vimaranenses entenderem de onde é que vimos para saber para onde é que vamos.

### Na sua experiência, como é que o público costuma receber a arte urbana? Acredita que ainda há alguma reticência por parte da

**“Esse preciso trabalhar é educar através da arte, e eu acho que através do meu trabalho também educo o público a perceber que isto é trabalho, é possível viver de artes.”**

### população?

Ainda há, acredito que ainda há e é preciso trabalhar essa mentalidade e acho que está a mudar nesse sentido, no sentido que muita gente, e às vezes magoa um bocado, ainda pergunta: “Você está a ser pago? Isto é *pro bono*? Está a fazer por carolice?”. Ou seja, o que é que eu noto também na sociedade portuguesa? Nós não fomos muito educados a considerar a cultura ou o manifesto cultural como profissão. Hoje em dia, claro que as coisas já estão a mudar e acho que aqui em Guimarães já se sente uma mudança, se compararmos com há 20 anos. E essa mudança até se notou mais a partir da Capital Europeia da Cultura, o paradigma mudou positivamente, as pessoas também começaram a abrir um bocado mais a cabeça e a forma de pensar a arte. Mas eu acho que ainda é preciso trabalhar e, lá está, esse preciso trabalhar é educar através da arte, e eu acho que através do meu trabalho também educo o público a perceber que isto é trabalho, é possível viver de artes, temos de trabalhar para ter qualidade, não falhar com os clientes, não falhar com prazos e sermos estritamente profissionais, porque só assim é que conseguimos viver de artes.

### O presidente da Junta de Creixomil destacou a “forte componente turística da arte urbana”, concorda com esta análise?

Claro que sim, eu acho que podíamos, por exemplo, fazer um corredor de arte urbana, ou os turistas virem à nossa cidade e saberem que temos um percurso específico de arte urbana. Porque o turista normalmente dá muito valor e nas suas cidades, em várias cidades da Europa e do mundo, têm manifestos no âmbito da arte urbana, querem ver também o que é que se faz nesta cidade, que é muito importante a nível nacional, só somos o berço, e se pudermos também afirmarmo-nos com manifestos de arte urbana e com qualidade, acho que só joga positivamente a nosso favor.

### E essa ideia do percurso de arte



© GAI



© GAI



© GAI



### **urbana é algo que já tem falado com alguma entidade?**

Não especificamente, eu meramente tenho sido convidado para fazer, ou seja, confio no meu trabalho e faço questão de que seja a minha linguagem a contar a história que querem, mas nunca foi falado no sentido de fazer um projeto como um corredor de arte urbana ou um percurso de arte urbana. Acho que há outros trabalhos de outros artistas em Guimarães, não é só o meu, mas acho que se forem todos enquadrados e se esse tal percurso e esse projeto for pensado futuramente com mais afinco, acho que só temos a ganhar se isso se concretizar nesse sentido.

### **Tem recebido algum tipo de feedback sobre o mural? Positivo ou negativo?**

Sim, muito positivo, claro que há uns muito positivos e outros, se calhar, pessoas mais melindradas e que arranjam sempre um defeitinho, mas isso é o normal da vida, não se pode agradar a gregos e a troianos. Mas, no global, o *feedback* tem sido muito positivo e temos que pegar realmente no *feedback* positivo para andarmos para a frente, isso é que é o meu combustível, mas têm sido muito boas, muitas mensagens, principalmente. Eu, normalmente, quando divulgo tento trabalhar bem as redes, isto é, não bombardear logo com *posts* seguidos com o trabalho, porque hoje em dia a informação é tanta que as pessoas também se cansam. As redes sociais, se soubermos usar bem, podem ser um veículo de publicidade do nosso trabalho, e então eu tento sempre dar um bocadinho e, depois, passado outros cinco dias, dar mais outro bocadinho para as pessoas também terem vontade de ver ao vivo noutra dimensão.

### **Tem mais projetos a serem concretizados em Guimarães? Quais?**

Sim, será surpresa, sim, noutros âmbitos, noutros contextos, mas sim, e eu fico contente. São relacionados com a arte urbana, mas não posso divulgar. Foi uma coisa que aos meus 37 anos

a vida me ensinou, só falo quando já estou na parede a fazer o trabalho. É superstição, é uma questão de canalizar boas energias.

### **E relativamente à arte urbana, acha que há alguma forma de incentivar mais os artistas, seja através da Câmara, através da população, através de entidades privadas?**

Acho que sim, porque isto é o papel hoje em dia da arte urbana, porque a partir do momento que eu classifico como arte urbana é algo pensado, algo que vai embelezar, que vai acrescentar a determinado espaço. Porque as pessoas vêem aquelas pessoas que fazem as assinaturas na parede, em termos brasileiros isso é *pixar*. Se calhar no Brasil tem outro impacto, há mesmo artistas que só fazem as assinaturas em edifícios altos e gan-

**“Hoje em dia a arte urbana já é classificada como um acrescento, ou para embelezar espaços devolutos, ou, neste caso, num viaduto sombrio, dar uma vida de cor.”**

ham conotações ou mais prestígio por causa disso, mas eu acho que aqui, neste sentido, fazer uma assinatura na parede é de um tom egocêntrico, mas a nível estético e positivo não acrescenta nada. E eu acho que o papel da arte urbana e dos artistas urbanos é mesmo esse, hoje em dia a arte urbana já é classificada como um acrescento, ou para embelezar espaços devolutos, ou, neste caso, num viaduto sombrio, dar uma vida de cor também ao quotidiano do público, acho que o papel da arte urbana é mesmo esse. É também despertar as almas das pessoas, já disse isso noutra entrevista, despertar as almas, dar uma certa positividade, e eu noto que as pessoas, não sei se depois da pandemia, que também não foram tempos fáceis,

e também pela situação de Portugal, mesmo política e tudo, acho que as pessoas estão tristes, estão deprimidas também por tudo isto. Eu sou uma pessoa muito atenta, não fico só preso ao trabalho, sou muito atento ao que me rodeia e noto que as pessoas estão um bocado em baixo, e então o meu papel, a minha missão é mesmo essa, é alegrar através da cor, através do meu trabalho alegrar também o dia a dia das pessoas, e acho que tem resultado.

### **Que inspirações é que tem no mundo da arte urbana?**

Isto é assim, eu não conheço muito, vou ser sincero, eu era artista mais de cavalete, de estúdio, e eu não sigo muitos artistas de arte urbana. Já quando era em trabalho de cavalete, tinha o *William Kentridge*, que é um artista da África do Sul que eu admiro muito, trabalha o desenho, e eu sou licenciado em artes e desenho, trabalha muito o desenho, fazia animação, apaga, tira fotografia, fazia aquela ideia de *time lapse* muito bom. O *Gaudí*, o *Salvador Dali*, gosto muito também do surrealismo. Há também portugueses muito bons, a Paula Rego, o Pomar, temos vários. Agora, usar o trabalho deles como referência para o meu, eu costumo dizer, no sentido da idolatria, nós idolatramos muito os outros, e queremos ser muito como os outros. Eu não, eu acho que estou um bocado na descoberta do meu estilo, e realmente gosto de ver bons trabalhos, e quando digo que o artista é bom, tem aqui uma alma, transmite-me muito, isso sim é a minha referência. Agora, pegarem em referências do tipo de trabalho dele para canalizar para o meu e, para através daí, dar o meu toque, isso eu não faço muito. Tento ser mesmo eu, original, arranjar o meu estilo específico e não encontro muito parecido com o meu. E acho que é um bocado esse o caminho, temos que nos admirar acima de tudo. Isto não é egocentrismo, admirarmos acima de tudo, a nós mesmos como indivíduos, e não querer ser como os outros. ●

HENRIQUE MACEDO CONTINUA À FRENTE DA DIRECÇÃO

# GRUPO FOLCLÓRICO DA CORREDOURA PARCEIRO ACTIVO DA CULTURA TRADICIONAL



© DIREITOS RESERVADOS

**H**enrique Macedo continua ao lema da direcção depois de sucessos acumulados com a nova abordagem que foi feita na dinamização de um grupo folclórico.

Há vários motivos que justificam que a maioria dos membros dos órgãos sociais se mantenha em funções, num novo mandato: estabilidade, ambição e preparação para novos desafios.

Em 13 elementos da direcção, assembleia-geral e conselho fiscal só um não continua. Numa equipa jovem era importante manter a estabilidade “por vezes necessária e preciosa” em associações como os grupos folclóricos.

Há quatro anos, os elementos directivos não tinham a preparação

que têm hoje, portanto, a continuidade manter-se-á ao nível da obtenção de objectivos e consolidação de sucessos, entretanto, registados.

As mudanças foram adiadas para o final do mandato que agora começou. Porque, para já, a grupo vai integrar jovens que darão apoio à direcção eleita, aprendendo e garantindo a sucessão quando ela ocorrer.

**“É legítimo pensar que numa actividade cultural e lúdica, se possa juntar a riqueza da gastronomia, ligando-a à contemporaneidade, à criatividade e etnografia.”**

A direcção artística do grupo é apenas um exemplo, misturando dirigentes eleitos e elementos que pertencem ao grupo de folclore; a responsabilidade pelos trajes seguirá o mesmo exemplo, tal como a implementação e dinamização das redes sociais, de modo a marcar presença do Folclore da Corredoura em termos de visibilidade. Os estatutos também serão revistos e será elaborado um regulamento interno para acentuar a eficiência administrativa e organizativa.

“Com a experiência que esta direcção adquiriu durante estes últimos quatro anos, mais a que vai adquirir neste novo mandato, ficam reunidas as condições para que possa haver uma lista sem o meu nome à cabeça” - anunciou Henrique Macedo.



## LIGAR O LINHAL AO TURISMO

© GAI



No que toca, aos desígnios do Grupo Folclórico da Corredoura, Henrique Macedo, elencou, na sua posse para este mandato 2023/27, para além das acções regulares, uma quase nova vida para o Linhal da Corredoura e um cuidado especial com o *Fest'In Folk* - o mundo da dança em Guimarães, que é agora um Festival CIOFF, desde Dezembro de 2022.

*"O Linhal da Corredoura - sublinhou - é uma actividade única em toda a região e 2023 pode ser o ano um de uma nova vida".*

O presidente do Grupo Folclórico da Corredoura justificou *"a necessidade de fazer algumas mudanças, porque o seu anterior modelo de organização já estava esgotado".*

Com novo palco, um moinho remodelado, o Linhal da Corredoura pretende, na intenção da direcção, juntar à componente cultural a turística, aumentando a sua atracção. Elevar a importância que o cultivo do Linho e a sua utilização teve no passado, criando episódios históricos das suas fases e do seu ciclo.

Envolver a comunidade e os turistas como novo público da festa do Linho é um propósito que se pretende concretizar, de modo a enfatizar a etnografia e a cultura tradicional de São Torcato.

*"É legítimo pensar - reforça - que numa actividade cultural e lúdica, se possa juntar a riqueza da gastronomia, ligando-a à contemporaneidade, à criatividade e etnografia. E tornando-a educativa para todos os públicos".*

## FEST'IN FOLK NOS 10 MELHORES FESTIVAIS CIOFF

Chegado ao clube dos grupos folclóricos integrados no Conselho Internacional de Festivais Folclóricos e Artes Tradicionais - CIOFF - o grupo da Corredoura ambiciona tirar partido desta *"internacionalização"* junto da UNESCO, investindo na salvaguarda do património cultural imaterial.

A oportunidade de alargar os

© GAI



© GAI





**“Não há nenhuma freguesia ou vila de Guimarães onde se respira tanta tradição e costume.”**

Corredoura, entende que não faz sentido “preservar o passado sem utilizar as ferramentas do presente”, o caminho possível para enriquecer as tradições e defender o folclore e a etnografia.

Neste âmbito, o desafio é “classificar” algumas das suas danças: “O Velho e a Vareira Descansada”, elevando-as para um patamar “nunca antes imaginado”.

### **SÃO TORCATO CAPITAL DA CULTURA POPULAR**

O Grupo Folclórico da Corredoura deixa claro que também quer contribuir para a afirmação de São Torcato enquanto território onde a cultura popular tenha uma forte expressão. Não apenas pelas actividades intrínsecas e que estão ligadas à cultura, às tradições, ao folclore e à etnografia.

Quer ser parceiro activo, com outras colectividades, com a Junta de Freguesia e com a Câmara Municipal. “Não há nenhuma freguesia ou vila de Guimarães onde se respira tanta tradição e costume” - defende o presidente reeleito.

Lembra que São Torcato tem dois grupos folclóricos “do melhor que há a nível nacional”, com actividade regular própria e que defende usos e costumes e com representação em muitas e diversas festas do país e até no estrangeiro.

Henrique Macedo desafia os autarcas locais para elevar São Torcato a Capital da Cultura Tradicional, deixando que a sede do grupo possa ali concentrar serviços e actividades.

Para além de rua da freguesia, a Corredoura “é uma marca da cultura tradicional e do folclore português”, sem paralelo no país, sustenta convicto o presidente do Grupo Folclórico. ●

**“É um motivo de orgulho para todos aqueles que pertencem à Corredoura, a São Torcato e a Guimarães.”**

seus horizontes à Europa e ao Mundo pode trazer mais valias que se aproveitadas podem projectar o grupo para além do território nacional.

A presença entre os grupos CIOFF “é um motivo de orgulho para todos aqueles que pertencem à Corredoura, a São Torcato e a Guimarães” - salienta Henrique Macedo.

Adverte que esta “certificação não é o fim da linha” e é claramente “um passo apenas no caminho que o Fest’In Folk está a percorrer”.

Consciente da “exigência” que este estatuto trás e a responsabilidade que acarreta na observância de parâmetros que não podem ser desvirtuados, o presidente do Grupo Folclórico da Corredoura sente que “os olhos do mundo estão sobre nós”.

Neste cenário, admite as potencialidades que se abrem no horizonte relativamente à classificação a consolidar do festival que organiza e o lugar em que se quer qualificar: estar entre os três melhores portugueses e os 10 europeus.

A preservação de costumes, o respeito pelas tradições, o incremento



© DIREITOS RESERVADOS

de maior valor cultural em todas as iniciativas, acrescentando ambição, criatividade e inovação, o Grupo Folclórico da Corredoura poderá continuar a casar o tradicional com o contemporâneo, fazendo valer a força da cultura tradicional legítima e pura.

“Isso já aconteceu com “o meu Velho diz que morre” que foi apresentado no Teatro Jordão, há um ano, durante as comemorações dos 10 anos da Capital Europeia da Cultura.

Entusiasta das suas convicções, o presidente do Grupo da



© GAI

# A VELOCIDADE E A DISTRAÇÃO TAMBÉM MATAM QUEM ESTÁ PARADO

## *SPEED AND DISTRACTION ALSO KILL THOSE STANDING STILL*





# **CORREDOURA: LINHAL PROCURA NOVA AFIRMAÇÃO LIGANDO A CULTURA AO TURISMO**

- TEM UM PALCO MAIS AMPLO, UMA SEARA PRÓPRIA E UM MOINHO NOVO, RESGUARDADO, PARA DAR LARGAS A UMA RENOVAÇÃO INOVADORA ENQUANTO EVENTO QUE SE ENTRELAÇA COM A CULTURA POPULAR.



**E**ra uma tarde de Sábado, com muito calor, e o parque de lazer da Corredoura, já estava adaptado a seara, numa parte onde se fazia o cultivo e noutra onde se instalava o moinho para triturar o linho.

A exibição do ciclo do linho havia sido transformada por meras questões logísticas, concentrando a seara, o local onde fica o moinho e a festa conhecida por Linhal da Corredoura.

Apesar do bom tempo, havia menos gente do povo, muitos anos habituado a viver aquele momento em Sábado de Romaria Grande de São Torcato.

Mesmo assim, o ritual do Linhal decorreu com cor e alegria dos homens e mulheres que pertencem ao Grupo Folclórico da Corredoura, vestidos com os trajes habituais do rancho, com cores garridas, em que o branco, preto e vermelho predominam.

A colheita do linho não é tarefa única para quem faz parte do grupo. Abre-se à participação dos populares que metem as mãos por entre o verde de uma planta com tradição e história na economia e nos usos e costumes da região.

Apesar da sua escassa produção, o linho emerge como património cultural que o Grupo Folclórico

pretende preservar enquanto ritual, festa popular, tradição, cultivo e memória.

É uma exigência, hoje, também precisamente porque o linho deixou de ser moda apesar de ainda ser falado no têxtil industrial. E a sua aplicação no têxtil-lar obedecer a um tratamento que o incorpora num conjunto de fibras, qual substrato de lençóis, ou artigos de cozinha.

O linho de que se fala e que se transforma para dar sustentabilidade aos produtos têxteis já provem da Irlanda e não dos campos verdes do minifúndio do Minho.

São outros tempos e por isso a história do linho é evocada mais como memória e arte do passado, com rituais que tendem a seguir as melhores práticas de usos e costumes de antanho que são repostos, às vezes, com inovações nem sempre autênticas.

É de crer que o Linhal da Corredoura vai aproveitar as condições logísticas de que agora dispõe para ser uma festa verdadeiramente popular, mais aberta e com uma organização mais atenta e interessada em ter novos públicos.

É por essa via que poderia assumir uma feição de evento turístico, capaz de interessar aqueles que procuram mergulhar nas tradições, perceber os usos e costumes, e entender o seu lado cultural. ●





## TERRAS DE VIMARANES NA DEFESA DE TRADIÇÕES GASTRONÓMICAS

# HÁ SEMPRE UM 1º CAPÍTULO PARA VALORIZAR OS PRODUTOS ENDÓGENOS

• QUASE UM ANO DEPOIS, A TERRAS DE VIMARANES, CONFRARIA GASTRONÓMICA VIMARANENSE, FEZ A SUA APRESENTAÇÃO PÚBLICA.

**F**oi um acontecimento vistoso com um desfile pelas ruas da cidade, a partir do Paço dos Duques, no dia 24 de Junho; um acontecimento social porque reuniu as suas figuras, agora, trajadas com o que será a vestimenta que identificará os seus membros; e um acontecimento turístico porque trouxe gente de outras terras, para além de Portugal.

Nas intenções e desejos dos seus dirigentes está a intenção de reunir empresários da restauração, da hotelaria, produtores de vinhos e de outros produtos autóctones locais,

bem como doces conventuais, chefes de cozinha, e enólogos.

Há uma forte ligação daqueles que vendem serviços, produzem bens e produtos - dos doces aos vinhos - podendo juntar homens e mulheres da cultura e aqueles para quem comer é um prazer e um motivo de reunião em torno da gastronomia.

Guimarães tem outra confraria - Panela ao Lume - que tal como a Terras de Vimaranes pretende defender a generalidade dos produtos da região, sem contudo eleger a vitela, o leitão, o pão de ló em particular.

E tem um âmbito de defender na generalidade a gastronomia

local que alguns dizem haver “há muito uma necessidade identificada e premente de defender, divulgar e promover a autenticidade e qualidade da confecção de iguarias tradicionais identitárias da região de Guimarães, bem como da qualidade da gastronomia, das produções vinícolas e de todos os produtos autóctones que tem Guimarães por berço”.

A entronização dos membros da confraria Terras de Vimaranes foi um juramento dos seus membros na dinamização de acções concretas na promoção e valorização do que de melhor existe na gastronomia, um acto de fé em valores associados ao pão,

ao vinho, à carne, ao queijo e outras iguarias geralmente com uma tradição e antiguidade associados, a que se junta os bons hábitos de comer com distinção e de forma distinta.

Às confrarias é reconhecido um papel importante na defesa do que melhor distingue cada terra e cada produto. E daí que para além de “bons garfos”, os confrades sabem defender e proclamar o melhor da gastronomia local.

A Terras de Vimaranes reúne como confrades uma generalidade de empresários, empregados de mesa, chefes de cozinha, enólogos, pasteleiros e outros profissionais ligados à gastronomia e aos vinhos.

Mário Moreira, chefe de cozinha aposentado e presidente da confraria, evoca para si o facto de há mais de duas décadas, ter dado passos na sua constituição. “Era - defende - a forma de criar um grupo de pressão para a instalação de uma escola de hotelaria em Guimarães”.

Passadas duas décadas, “a escola está em fase de instalação, mas há muito por fazer”, afirma o confrade-mor. Insiste na necessidade de “chamar a atenção, através do poder local, para a necessidade de incluir uma disciplina de gastronomia no ensino básico” tendo em vista as crianças que assim podem distinguir melhor os alimentos que devem escolher e rejeitar.

Defender as tradições ligadas ao comer e beber pode distinguir Guimarães num futuro próximo. “Estamos a fazer uma recolha de memórias



© DIREITOS RESERVADOS

e tradições. Temos já 17 presidentes de junta envolvidos neste trabalho”, esclarece Mário Moreira.

A Terras de Vimaranes tem já 70 confrades que foram entronizados perante membros de cerca de 30

**“Os rojões são o prato que melhor representa Guimarães, pela sua ligação à história da cidade, nomeadamente através da Festas Nicolinas”**

confrarias que participaram neste 1º Capítulo, numa cerimónia que decorreu no Paço dos Duques de Bragança.

O presidente da confraria deixa entender que a Terras de Vimaranes não se limitará a reuniões

gastronómicas dos seus membros. Apostará em concursos culinários “para eleger um conjunto de pratos e de vinhos que possam constituir uma rota gastronómica e vínica”, esclarece Mário Moreira.

Para este chefe, “os rojões são o prato que melhor representa Guimarães, pela sua ligação à história da cidade, nomeadamente através da Festas Nicolinas.” No final do ano, está previsto a realização, na Quinta de Sezim, de um festival de caldos, sopas e papas.

Internamente, um pouco antes do 1º Capítulo - ocorrido a 24 de Junho - já a confraria elegeria os seus representantes, numa lista única em que Mário Moreira lidera a direcção que integra ainda Vítor Matos Pereira, Palmira Dias, José Vitorino, Albino Monteiro, Romeu Martins, Bruno Silvério, Flávio Freitas e Tiago Oliveira. Carlos Caneja preside à mesa da assembleia geral e Joaquim da Mota Pereira ao conselho fiscal. ●



© DIREITOS RESERVADOS



© DIREITOS RESERVADOS



GESTÃO DOS MONUMENTOS CENTRALIZADA NUM INSTITUTO EM LISBOA

# ISABEL FERNANDES: A SAÍDA ANUNCIADA DA MULHER QUE ANIMOU O MONTE LATITO

• ISABEL MARIA FERNANDES VAI COMPLETAR UM QUARTO DE SÉCULO SERVINDO NO PAÇO DOS DUQUES DE BRAGANÇA. QUANDO COMPLETAR O TEMPO LEGAL DE SERVIÇO PARA SE APOSENTAR, EM 2024, PARTE SEM HESITAR...







adeus não é para hoje e quando acontecer não será anunciado. Será definitivo quando o tempo legal de aposentação chegar.

Entretanto, o Paço dos Duques, o Castelo de Guimarães, o Museu Alberto Sampaio e o Palacete da Praça de Santiago - os espaços de uma unidade orgânica dependente do Ministério da Cultura e da Direcção Regional da Cultura Norte terão em breve alterações que os colocam na alçada de um Instituto Público da área da cultura, não entrando nas competências que o Governo aceitou descentralizar parcialmente para os municípios.

Interrogada sobre o adeus - que não é para hoje, nem para amanhã - Isabel Maria Fernandes não esconde que espera pelo corte natural da relação com os museus, vai para 41 anos, tal como há pouco, com a família, dizia que *"nunca mais chegava a hora de ir de férias para o Algarve"*.

Os passos para a sucessão começaram, no entanto, a ser dados internamente. *"Vou passando algumas coisas que estava a fazer para os colegas"* que consigo trabalham no Paço Ducal.

É uma espécie de pré-despedida em que *"o desejo enorme de passar para reforma"* a deixa ansiosa porque quer viver outra vida, *"com os cinco netos - e o sexto vem a caminho -"*, esperando depois que um pouco mais tarde, o marido lhe siga os passos da aposentação.

Cheia de projectos pessoais, com o desejo de continuar a viajar pelo mundo - tem um filho fora de Portugal - e a gozar de boa saúde, a

**"Adorei vir para Guimarães, sou uma vimeirense de coração. Sou do Porto, andei por várias terras, mas é em Guimarães cá que vivemos e esperamos ficar."**

mulher que em 1999 chegou a Guimarães para trabalhar no monumento nacional que a Norte de Lisboa mais é visitado por crianças em idade escolar, admite ir *"ter saudades, destes espaços"* que hoje dirige.

Esta faceta de estar de partida mas não de saída, de ir desatando os nós que a ligam a unidade orgânica com dois monumentos nacionais para dirigir, ainda não lhe tolhe os movimentos mas quase lhe faz contar os dias, até Fevereiro ou Março.

Não enjeita fazer o balanço de um quarto de século de vida em Guimarães e trabalhando nos seus espaços culturais emblemáticos. Isabel Maria Fernandes sabe que *"outros podem fazer o balanço, olhando de fora"*. Mas diz sem hesitar que *"é positivo"*.

Nasceu no Porto mas o quarto de século em que viveu em Guimarães não a deixam a deixam mudar de ares. A ela e à sua família, todos com forte raízes a este pequeno conadado portugalense.

Não esconde de o afirmar: *"Adorei vir para Guimarães, sou uma vimeirense de coração. Sou do Porto, andei por várias terras, mas é em Guimarães cá que vivemos e esperamos ficar"*.

Ou seja, a directora do Paço dos Duques quer reformar-se do trabalho mas não tem intenções de reformar-se da cidade. Mesmo saindo de directora dos monumentos do Monte Latito, Isabel Maria Fernandes sustenta que *"eu vou sair do Paço mas vou andar por aí..."*

Não tem intenção de ficar fora das comemorações dos 900 anos, comissão a que pertence, para já, numa dupla qualidade: a de directora do Paço dos Duques e a de Isabel Maria Fernandes, cidadã e mulher da cultura.

E então estar em Guimarães, dirigir estes monumentos tanto conhecidos como adorados foi um desafio, em 25 anos de actividade? Isabel responde sem hesitar: *"foi e ainda é... Ainda esta manhã comentava com as colegas sobre as alterações profundas que estão para chegar e com a mudança de tutela."* E antevendo o fre-

**"Neste museu há sempre muito que fazer... é a investigação, são os visitantes, é o inventário, é a liderança de equipas. Tive vários desafios e é disso que eu gosto."**

nesim que resultará dessas mudanças, confessa que *"até fico com saudades de não estar por aqui porque vão ser tempos fáceis e difíceis e eu gosto disso. Não gosto do dia a dia rotineiro. Mas não vou continuar até lá porque para a reforma vou, não haja dúvida!"*

Isabel Maria Fernandes não sabe dizer qual foi o desafio mais difícil na gestão do Paço Ducal e espaços da mesma unidade orgânica. Mas não tem dúvidas de que *"neste museu há sempre muito que fazer... é a investigação, são os visitantes, é o inventário, é a liderança de equipas. Tive vários desafios e é disso que eu gosto"*.

Porém, não resiste em identificar o que estava desarrumado e passou a ter alguma ordem. Por exemplo, o inventário do Paço dos Duques, o estudo das suas colecções eram algo incipiente. Lembra que foram editados alguns livros sobre o Castelo e a Igreja e agora sobre A Música nas Colecções do Paço dos Duques que respondem a ao desejo de se saber o que *"está cá dentro"*.

Mesmo a investigação, a organização das colecções e gestão das reservas foi *"algo"* de diferente que foi concretizado. Também, por seu impulso, nasceu a Associação dos Amiguinhos do Paço dos Duques de Bragança e do Castelo de Guimarães.

*"Foi um projecto excelente à sombra do qual conseguimos ter recursos para a publicação de livros, adquirir alguns equipamentos, ter materiais diversificados na loja, ter livros para ampliar biblioteca"* - afirma.

Reconhece que dirigir quatro equipamentos, na mesma unidade orgânica, o Paço Duques, Castelo, Museu Alberto Sampaio, Igreja de São Miguel e Palacete da Praça de São

Tiago, “é demais”.

Concorda que estes equipamentos sejam divididos por dois directores/as: um para o Museu Alberto Sampaio e Palacete, outro para Paço dos Duques, Castelo e Igreja de São Miguel. “É mais vantajoso - defende - dividir a gestão por duas pessoas”.

E o que será o Paço depois de Isabel Fernandes? A importância dos directores está para além de um modelo institucionalizado de governação. Sem se alongar em considerações responde que “a estrutura e os directores” são a alma destes monumentos que têm mais vida para lá dos orçamentos.

As novas direcções vão ser escolhidas por concurso público, “ainda bem” diz sabendo que lá para Março quando abrirem os concursos já não estará na lista dos potenciais directores.

“A descentralização era vista como...” e Isabel Fernandes atalha com o “sobre isso não vou falar”. A questão era mesmo ter a sua opinião sobre os efeitos da descentralização iniciada pelo Governo noutras áreas teria efeitos positivos ou negativos.

Insistimos e a resposta foi a mesma mas mais desenvolvida: “sobre isso não vou falar... mesmo em traços genéricos, isto não é uma descentralização, vamos estar dependentes de um instituto, em Lisboa” - justifica. Clarifica que já deu a sua opinião a quem de direito.

Sobre as consequências de nova centralização, da gestão do património monumental nacional, a directora do Paço dos Duques de Bragança, espera para ver “se há benefícios” nesta transição, não fugindo de elogiar o actual modelo. “Com a Direcção Regional de Cultura do Norte, o relacionamento foi muito bom. Alguns colegas não aceitaram esta mudança. Eu não tenho dúvidas de que foi muito bom para a região, pois, passamos para uma tutela regional excelente”.

E justifica: “pela primeira vez na vida - posso falar do presente - este Museu com um orçamento superior a 200 mil euros, confere-me poderes de



decisão sobre o que quero fazer com ele. A estrutura regional era capacitada, colaborativa e nestes últimos anos, notava-se até que a estrutura era melhor. Lamento que tenha deixado de ser assim. Vai ser melhor ou pior, não lhe sei dizer”.

Isabel Maria Fernandes sairá consciente de que “ficou imenso por fazer”, no âmbito da sua acção como directora. Lembrando que “estou aqui desde 2014”, lamenta ainda não ter sido feito um livro sobre o Paço dos Duques de Bragança, ilustrado com a sua história e com o seu interior. “É fundamental” - justifica.

Depois, continua a sentir-se que há obras necessárias e de fundo porque um dia a casa pode vir abaixo. “Há espaços nobres, como a ala em que o Duque de Bragança vivia que

**“Com a Direcção Regional de Cultura do Norte, o relacionamento foi muito bom. Alguns colegas não aceitaram esta mudança. Eu não tenho dúvidas de que foi muito bom para a região.”**

não é visto pelo público porque estão lá os serviços administrativos”.

Penitencia-se por não ter sabido ou conseguido “influenciar as chefias” sobre as obras que requalificariam o Paço Ducal e o deixariam a



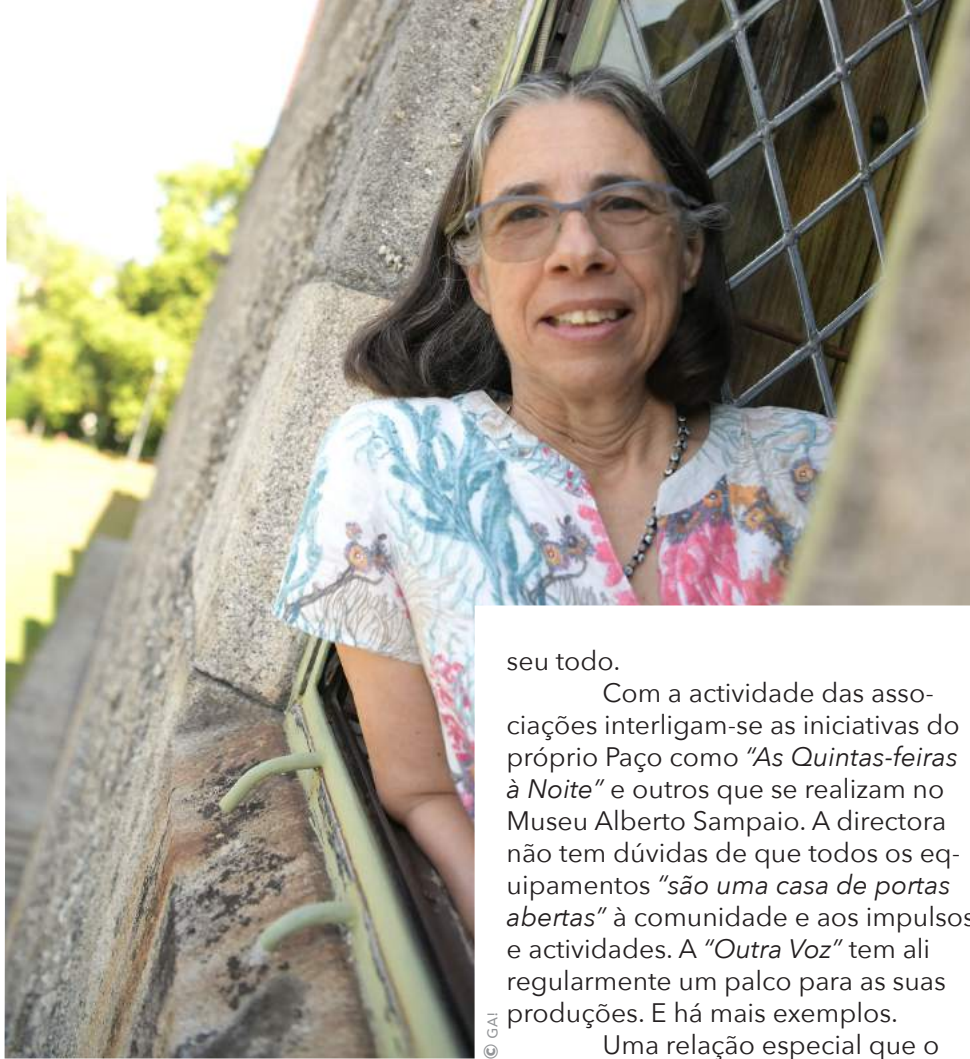
salvo de intempéries, por exemplo.

Lembra um ante-projecto, elaborado pelo arquitecto Miguel Melo, em 2015, em sede da Câmara Municipal, para a concretização do qual “nunca houve dinheiro para o levar avante”.

O orçamento, de que se estimava, então, para a construção de um edifício do lado do jardim, frontal ao Tribunal, para instalar os serviços administrativos, era de cerca de dois a três milhões de euros. Mas o Paço precisa de outras obras que o requalifiquem, de coberturas que evitem entradas de água, de melhores acessibilidades.

Esclarece que o PRR vai contemplar uma parte dessas obras no sentido de melhorar a mobilidade interna dos visitantes, as condições do espaço com mais conforto. “Isto não pode fazer esquecer as obras de fundo tão necessárias, de valor a rondar os 16 milhões de euros” - defende Isabel Fernandes.

Uma dúvida persiste: e se as obras globais não forem feitas? “Ai



seu todo.

Com a actividade das associações interligam-se as iniciativas do próprio Paço como “As Quintas-feiras à Noite” e outros que se realizam no Museu Alberto Sampaio. A directora não tem dúvidas de que todos os equipamentos “são uma casa de portas abertas” à comunidade e aos impulsos e actividades. A “Outra Voz” tem ali regularmente um palco para as suas produções. E há mais exemplos.

Uma relação especial que o Paço dos Duques mantém é com as escolas, de todos os níveis de ensino. Quer sejam do país, da região ou mesmo locais. Isabel Fernandes destaca o papel do serviço educativo e dos seus colaboradores.

O Paço é hoje o movimento

**“Era importante saber o número de alunos visitantes porque se é fácil aos da cidade chegarem aqui, a pé, já é mais difícil aos que residem nas freguesias, pois necessitam de transporte para aqui chegarem.”**

- para além de Lisboa - mais visitado por alunos das escolas. É uma relação em crescendo e de coração porque as crianças não estão isentas do pagamento da sua entrada no monumento.

isso, algum dia cai” - responde Isabel Fernandes.

A digitalização e o uso das novas tecnologias poderiam ajudar à capacitação da organização e ter um papel importante no estudo das colecções e no restauro das peças em exposição, no inventário. Mas falta dinheiro.

Situados no coração da cidade, é natural que todos os equipamentos se relacionem com a comunidade e as suas instituições. E mantenham um diálogo comum sobre a actividade cultural. Isabel Fernandes não tem dúvida de que todos estes equipas sempre estiveram ao serviço de Guimarães, das associações a escolas, numa interligação forte porque há espectáculos que se realizam tirando partido da envolvente monumental do Paço, por exemplo.

Por isso, o contributo de todos estes espaços para o desenvolvimento cultural é importante apesar da falta de mais pessoal, como vigilantes e técnicos superiores que servindo para as necessidades não é suficiente no

Num passado recente - durante mais de três anos - os alunos até ao 5º ano, das escolas de Guimarães tiveram a possibilidade de ver por dentro o Paço. “Foi uma iniciativa interessante da Câmara Municipal e da vereadora da Educação” que contribuiu fortemente para acabar com a situação de que havia tantas crianças que não conheciam o que era seu por proximidade. Foi quebrado um tabú mas a iniciativa acabou interrompida.

“Nunca foi feita a estatística de quantos alunos visitaram o Paço e os monumentos da cidade neste ciclo. E era importante saber o número de alunos visitantes porque se é fácil aos da cidade chegarem aqui, a pé, já é mais difícil aos que residem nas freguesias, pois necessitam de transporte para aqui chegarem” - sustenta.

Isabel Fernandes lamenta que esta relação - escolas/Paço - tenha sido interrompida. E mostra a sua preocupação “por não se contar aos meninos do concelho as histórias que estes espaços culturais guardam para o seu conhecimento e aprendizagem”.

Diz que não por causa do número de visitantes - que cresce com este tipo de público - é pelo seu valor cultural. E pelo que não aproveita desta riqueza cultural, ao pé da porta. Deixa claro que as visitas das escolas a Conímbriga, por exemplo, têm o seu valor porque faz com que as crianças saiam do seu meio mas insiste que as crianças de hoje que visitam o Paço são os pais de manhã que podem trazer os seus filhos a algo que marca a nossa identidade. E dá até o exemplo da Citânia de Briteiros a merecer também mais frequência dos alunos.

O Paço dos Duques continua a ter um número de visitas interessante. O ano de 2019 é o comparativo porque então registaram-se 463 607 visitas; já 2022 foi uma espécie de ano recuperação com os 365 514 visitantes. Nos seis primeiros meses de 2023, o Paço já recebeu 174 447 visitantes o que faz com que se ultrapassem os números de 2023. O mesmo acontece com o Castelo, foram 374 513 visitantes em 2019, 302 757 em 2022 e em 2023 159 825. ●

CARLOS GUIMARÃES DEDICA LIVRO AOS “FILHOS DA RODA”

# “O BASTARDO”... FEITO UM MENINO PRODÍGIO!

• MARTINHO NASCIDO FORA DO CASAMENTO, QUAL FRUTO “PROIBIDO E MALDITO” DO “SEXO PRAZEROSO”, É O PROTAGONISTA PRINCIPAL DE “O BASTARDO”, UM CONTO À VOLTA DOS FILHOS ENJEITADOS.

**E**ste novo livro de Carlos Salgado Guimarães já faz parte da colecção que o médico urologista editou, desde que, em 2015, se iniciou autor com o “*O Trémulo da Carriça*”, o primeiro da sua saga.

Carlos Salgado Guimarães evoca e lembra o abandono infantil, a que eram sujeitos os filhos nascidos de relações não matrimoniais, que em tempos eram deixados à porta da “*Casa dos Expostos*” onde mulheres desesperadas depositavam os recém-nascidos, depois de darem à luz, quase sempre em becos, por resultarem de sexo ocasional.

Eram filhos anónimos de “*sexo prazeroso*”, e cujos progenitores só a mãe os conhecia mas que a sociedade rejeitava. E o pai raramente ficava a saber da sua existência...

O autor evidencia a homenagem que presta, afinal, “*aos que nascem no chão, aos que nele moram, e aos que dele se levantam*”, como é o caso de Martinho... de apelido Oliveira e cujo nome completo deriva do facto de ter sido acolhido na “*Casa*” que fazia parte da Roda dos Expostos, no dia do santo e com um ramo de oliveira sobre o ventre.

Nem todos foram abençoados com apelidos comuns porque muitos desses filhos, deixados na rua e entregues a instituições mais ou menos dedicadas a este tipo de acolhimento, acabaram baptizados e registados com “*Exposto*” a seguir ao nome próprio como era procedimento do registo civil.

Carlos Salgado Guimarães, escreve, nas 270 páginas do livro, a história de um menino extraordinário que sobreviveu a tudo: à falta de pais, aos cuidados de instituições muito informais, de outros tempos, a cuidadores sem sensibilidade e duros e às agruras de uma vida nem sempre fácil com má nutrição.

Martinho, era filho de Maria Flor, “*uma mulher linda e desejada*” na sua aldeia que haveria de ter uma relação sexual, com um homem abastado. Era “*a mais linda e mais desejada de todas as mulheres*” que “*incendiava os desejos em labaredas difíceis de*

*controlar e que sobressaía no meio de uma multidão*”.

Apesar dessa admiração que ela fazia recair em si, pela sua beleza e esplendor de mulher, acabou rejeitada e escorraçada, obrigada a parar num beco escuro, numa noite gelada, qual morada fortuita para se tornar maternidade onde nasceria o seu rebento.

E porquê? Apenas tão só porque o Zé Miguel, “*um morgado*” também conhecido por “*Miguelito*” dono e senhor de vastas terras onde se abrigavam vinhedos e casarios senhoriais, foi mais “*figurão*” e engatató



© GAI

GUIMARÃES

# Biblioteca

municipal Raul Brandão

"HÁ HORAS EM QUE AS COISAS NOS CONTEMPLAM E ESTÃO POR UM FIO A COMUNICAR CONNOSCO"

GUIMARÃ

# Biblioteca

municipal Raul Brandão

"HÁ HORAS EM QUE AS COISAS NOS CONTEMPLAM E ESTÃO POR UM FIO A COMUNICAR CONNOSCO"



do que pai.

Rendeu-se aos dotes físicos da beleza de Flor com quem se cruzou um dia, na aldeia, e fugiu a sete pés da responsabilidade da paternidade, após um acto sexual que bem espelhava a relação entre ricos e pobres.

É claro que a relação de Flor com o Miguelito era meramente romântica mas estava condenada a acabar porque são raros os casos de uniões casamenteiras entre pobres e ricos.

A história segue em frente e Maria Flor esbarra com uma gravidez não planeada, um drama que a torna num *"farrapo humano, na hora de dar à luz... num beco, sem assistência, rejeitada por todos"*.

*"Partiu escorraçada e deixou a vida para trás, teve de o fazer entre lágrimas da mãe e a indiferença do pai"* - escreve o autor, sobre o mo-

mento em que Maria Flor procura um porto de abrigo para ver nascer o filho que carrega, com amor - como é próprio de uma mulher.

O drama de um parto, no chão, ao relento, num mundo de sujidade, sem assistência mostra a mulher coragem em que Flor se transforma para fazer vingar esse filho que certamente desejou.

Enquanto o Martinho nascia já Miguelito preparava o seu noivado com outra mulher, num ambiente faustoso do qual Flor foi arredada apenas por contingências de uma sociedade dita de valores mas em eles...

Flor resiste às agruras de um parto sem condições, ao frio, com esforço, quase sem forças num gesto quase heróico de colocar o Martinho no mundo.

Nunca deixou de ser mãe e quando se viu impossibilitada de criar

o seu filho, mais que querido, colocou-o à guarda de uma instituição dos pobres, a Roda dos Expostos onde chegavam crianças, sem pai nem mãe, anónimos, sem identidade alguma, com a pobreza de vestes que dão apenas para cobrir o corpo.

Flor deixa o seu filho, chorando e perde-se em lágrimas, sabendo que nunca mais verá as suas raízes, entregando ao acaso e à sorte divina quem carregou durante os tais nove meses.

Porém, deixa um filho, qual menino prodígio que rapidamente cresce nas dificuldades, entre os cuidados de outras mulheres que estão na Casa dos Expostos, a cumprir tarefas de velar por crianças enjeitadas. E bebendo o leite de outras mulheres - e também de burra - para se amamentar e crescer, não sabendo qual é o sabor do leite da sua verdadeira mãe.

Martinho, ainda sem nome, já era uma criança especial que as mulheres da Casa dos Expostos reconheciam ser diferente. Com olhos que absorviam todos os pormenores da realidade, sem chorar ou gemer.

Enquanto o seu filho crescia, Flor dava passos em direcção à morte. Foi encontrada, num beco, ainda com os traços da sua beleza quase incólumes mas sem sentir como o seu Martinho vingava neste mundo.

Ainda como recém-nascido recusava a amamentação na Casa dos Expostos, onde só uma mulher lhe



dava atenção. Mesmo quando dava sinais de estar a passar mal.

Foi então batizado, com o nome do santo Martinho - foi nesse dia que deu entrada na Casa dos Expostos, a que juntou Oliveira por trazer consigo um ramo dessa árvore, também usada em tempo pascal.

Resistiu a convulsões e febres altas. Martinho haveria de tornar-se menino homem, com a sua força intrínseca e a ajuda de Jacinta que lhe deu o seu leite. Foi neste contexto que se sentiu um menino amado e foi crescendo.

Alguém dizia que ele era o menino do Diabo por ter vencido o tifo que o apoquentou nesta infância ténue e infeliz. E ter resistido às tentações de expulsão da “Casa” apenas porque a sua directora o desejava.

Venceu, assim, e com o tempo, a sua condição de “enjeitado, abandonado e filho da miséria”, resistiu aos maus tratos e actos de violência, a quem foi dado leite de burra, numa tentativa de o tornar mais frágil. Não foi isso que aconteceu: “o rapaz ostentava uma saúde de ferro, crescia e engordava” e até parecia que “o leite de burra o nutria melhor que o leite materno”.

Ainda foi vítima de abandono, ao ser metido numa carroça, num dia de temporal, que o fez cair na água do rio, numa tentativa de o levar na direcção da morte.

Porém, até ao afogamento resistiu e mais tarde o destino levou-o para uma família de acolhimento que não era aquela que lhe fora destinada.

Dado como morto, o menino desenvolveu a sua astúcia e inteligência e acabou a trabalhar na oficina de um cordoeiro, ainda não tinha dez anos.

Foi ali que mostrou “a sua desenvoltura” que chamou a atenção, muita avançada para um bastardo, que tinha umas “mãos fortes”. E aprendeu a fazer tudo.

Ali conheceu um abastado cavaleiro a quem fez uma albarda nova para o seu cavalo. Um homem que afinal, era o seu pai, e que tinha, tal como Martinho, sobre o ombro



esquerdo, um trevo de duas folhas, um sinal comum aos dois.

Quando Marinho se confrontou com o seu pai, foi já à hora da morte deste. Aquele cavaleiro, jazia no chão, num dia temporal em que o seu palacete ruiu, após forte explosão, causada por um raio de trovoada. O

telhado havia caído sobre o homem abastado que mesmo socorrido pelo filho apenas serviu para Martinho saber que era seu pai, tendo em conta os sinais que se viam o ombro esquerdo. Deixou cair, com raiva, a viga de madeira que um pouco antes impedia o seu pai de respirar e ser salvo. ●

# aumentámos

# 150%

# a recolha de orgânicos

de janeiro a abril 2023,  
em comparação com 2022

objetivo para 2023  
**7500 toneladas**

A separação e valorização de resíduos orgânicos já está a ser implementada a 34% da população do concelho num plano de implementação contínuo até 2028, onde atingirá a totalidade da população vimaranense.

Saiba tudo sobre esta iniciativa em [rrrciclo.pt](http://rrrciclo.pt)



MUNICÍPIO DE  
GUIMARÃES



virus

GOVERNADO POR

POSEUR

PORTUGAL  
2020



UNião Europeia



**RRRCICLO**  
Economia Circular  
em Guimarães